

o juízo das mãos
volume 2 | o dragão-serpente
eliza campello



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



PARTE 2

O DRAGÃO-SERPENTE

«... Seguindo este arquétipo, deparamo-nos com uma das interpretações mais sombrias do dragão-serpente, a figura mitológica de Balahúr (também escrito como Balaur ou Bahlahur)... Descrito como um dragão de múltiplas cabeças (que variam entre três ou sete cabeças consoante a história)... O seu carácter dúplice era representado pela dicotomia entre a sua natureza e o seu *habitat*: um dragão de fogo, que se movia e escondia no ar, água e terra...»

«... Associado a grandes fenómenos meteorológicos, tipicamente catastróficos... Era possível formar pedras preciosas da saliva deste dragão...»

Respirando Fogo: Mitos e Lendas da Velha Terra
Alexei Khito

«Nesta Terra, nesta Era, os últimos descendentes da Humanidade fundam este Estado para preservar o Futuro... O Estado é uno e indivisível, inseparável do Futuro da Humanidade... Qualquer ato contra a unidade do Estado é traição a toda a Humanidade... o Estado reserva o direito de aplicar a pena máxima...»

Primeiro Artigo da Constituição

XVI

SEMPRE FIEL

Voltou a ser como fora antes.

A começar na primavera.

Lala dobrava as roupas sentada no chão. A luz entrava pela janela do quarto, trazendo com ela a maresia e o som das ondas a quebrarem-se nas rochas. O terreno nas traseiras daqueles prédios tinha um fim abrupto, desagregando-se num precipício que mergulhava no oceano. Não havia espaço que os separasse do abismo. Nem uma corda de roupa se esticava nas janelas das traseiras.

A mudança de casa ocorrera depois do serviço voluntário, com a bênção de Amira. Os prédios tinham oitenta anos e seguiam o traçado ortoclássico da Costa Leste: linhas retas, tintas claras, primazia de madeiras nos acabamentos, telhados negros. Depois os toques típicos: canteiros floridos, espanta-espíritos metálicos, adição de frescos nas áreas comuns dos edifícios.

O apartamento era alugado diretamente ao órgão administrativo da Vigésima Sexta Assembleia, não chegando a renda às trezentas liras. Lala decorara-o recorrendo a promoções e lojas em segunda mão, fiel à filosofia de frugalidade absoluta que adotara para se penitenciar por dar despesas adicionais à tia, sem sequer ter a desculpa de estudar fora. Amira não compreendia esses escrúpulos súbitos com dinheiro, mas deixava-a estar, desde que se dedicasse aos estudos a tempo inteiro e não exagerasse nesta fase monástica.

A decoração roçava realmente a abnegação religiosa. A cozinha aberta, equipada com lavatório, fogão e frigorífico encastrados, fora fornecida com utensílios de cozinha básicos e um modesto serviço de loiça, comprado em saldos com um faqueiro de oferta. A decoração da sala resumia-se a uma secretária e cadeira barroquistas da escola de Porrima, uma estante

do estilo industrial Bosona preenchida por livros de botânica e poesia, e um sofá-cama encostado à parede oposta. A radiotelefonía viera com Lala da casa da tia. A minúscula casa de banho era puramente funcional, com sanita, lavatório e chuveiro. O quarto consistia numa cómoda com motivos florais de Kamuy, uma cabeceira do lado da janela e uma cama de ferro de casal. O único objeto em que Lala esbanjara dinheiro naquela casa fora o colchão.

Lala conseguira terminar a mudança antes do arranque das palestras preparatórias para Botânica. Pedira por essa altura também um estágio voluntário no Departamento de Biología Vegetal e acabou num projeto de recolha e catalogação de espécimes da costa de Toliman, sob orientação do professor Benjamin Vor Weh. Comemorou os dezanove anos depois do solstício de inverno e conheceu um sucesso modesto na ronda de exames que se seguiu, tendo brilhado em Anatomia Vegetal, como esperado. A nova rotina manteve-se no segundo semestre. E essa rotina agradava-lhe. Sobretudo as partes ocultas pelo ondular das aulas e das excursões marítimas noturnas, frutiferamente mantidas com o projeto de catalogação.

O toque da campainha chamou-a à sala.

— Abre, Lala, somos nós.

Ao fazê-lo, Lala viu Oriana sorrir encostada à ombreira, irradiando satisfação. Héloïse fez uma pequena reverência, saudando-a com a desconexão de sempre.

— O Isaac fez asneira — anunciou, eufórica, Oriana passando por ela.

Lala pensou em Isaac, cinco anos mais velho, alto e galante e brilhante. Herdeiro de sangue aparente e primogénito perfeito.

— O Isaac não faz asneiras — retorquiu, fechando a porta no trinco depois de Héloïse entrar, tentando lembrar-se onde Isaac estava a acabar Direito.

Acrux, se não estava em erro.

— Errado — atirou Oriana sentando-se no sofá —, erradíssimo.

Lala deu dois passos até à cozinha e pôs água a ferver. Héloïse deambulou até decidir instalar-se na cadeira da secretária. Encostando-se ao balcão, Lala pôde ver Oriana agitar-se no sofá como quem se ajeita, a certificar-se de que não perdera um dos ornamentos dos cachos do penteado, a alisar a ganga das calças sem motivo. O movimento das mãos, irrequieto e inconsciente, denunciava preocupação por debaixo da euforia.

Não podia ser sério, meditou Lala ouvindo a água em ebulição atrás

de si, não podia ser sério porque se tratava de Isaac. A joia da linhagem de Gustav. Se bem que também Oriana o era, quer o admitisse ou não.

— Asneira como? — inquiriu, virando-se para o fogão.

Héloïse respondeu por Oriana.

— Está noivo — contou numa entoação indecifrável —, com testemunhas. No Templo.

Lala fechou o bico de gás e acabou de preparar a mistura de chá preto com hibisco. Levou as canecas à vez. Oriana agradeceu, feliz por ter com que ocupar as mãos.

— Havia um... entendimento? — Lala evitou a palavra proibida, «pacto».

Oriana respondeu com um sorriso rígido, não negando, nem confirmando.

— Havia expectativas — replicou Héloïse novamente por Oriana.

Pactos, entendimentos, expectativas, eram tudo eufemismos para feridas antigas.

Héloïse observou Lala sentar-se ao lado de Oriana com um sorriso torcido. Se bem que, no caso de Héloïse, e não por culpa dela, todos os sorrisos saíam torcidos.

— Nem comeces — disse Oriana antes de Héloïse fazer um comentário insensível —, guarda as provocações para o Ben — Abanou a cabeça ao referir esse irmão. — Lala, foi só desobediência — declarou com firmeza —, um jovem promissor apaixonou-se por uma jovem não promissora e compromete-se sob juramento.

Lala baixou os olhos para a caneca que segurava no colo..

— Bem — disse, encolhendo os ombros —, nada mais interessa, promessa é promessa.

— Sim — concordou Oriana, mais próxima da Oriana que conhecia —, combinado é feito. Haverá casamento. E tu estás convidada. Serias sempre convidada, fosse a noiva...

— Mas?

— Vá lá, Lala, tu sabes — Oriana recostou-se no sofá —, um futuro herdeiro de sangue ajuramenta-se secretamente a uma asmática sem nome... Tu sabes, os rumores...

— Os rumores passam.

— Eventualmente. — Oriana pousou-lhe a mão no braço. — Não podemos pedir às nossas relações que venham escudar-nos nestas circunstâncias. O casamento será célere, mas é o Isaac... E quem não gosta do Isaac?

Mesmo desobediente... — aqui era Chantal Ju Kin a falar na boca da filha — que o casamento seja célere, que o Isaac esteja rodeado de amigos e se os amigos do Isaac, além de seus amigos...

— Forem também representantes das famílias...

— Exatamente — rematou Oriana, pegando na chávena.

— Foi a sereníssima Chantal a pensar nisto?

Héloïse aclarou a voz, afagando a chávena distraidamente..

— Sim — confirmou com um sorriso já mais reto, de puro divertimento. — O sereníssimo Roje Ken Hoz emocionou-se ao ponto da indisposição.

Oriana roncou, regressando à alegria inicial.

— O pai está furioso — confidenciou com os olhos a brilharem. — Ontem estive seis horas aos berros com o Isaac... Foi uma estreia.

Héloïse demolhou os lábios no chá sem beber.

— Estás feliz? — perguntou Lala com curiosidade — por esta situação?

Oriana acabou a bebida antes de responder.

— És filha única — replicou espreguiçando-se —, não percebes. Morreria pelo Isaac... Por qualquer um deles. Mas é divertido ver quando tropeçam.

— E se caíssem?

Oriana afastou a possibilidade com um gesto negligente.

— Jamais — disse como quem jura —, é só bom para nós, comuns mortais, que os herdeiros de sangue não atinjam a perfeição.

Héloïse contornou a asa da caneca com o indicador.

— Preferes o Isaac então...

— Sobretudo agora — replicou Oriana —, acabou o filho prefeito.

— E não a queres para ti?

Oriana soltou uma gargalhada.

— O quê? A herança de sangue? — Voltou a rir. — Céus, não. Não tenho interesse em títulos inúteis e odeio negócios... Lala, vens?

— Claro.

— Obrigada — disse com um abraço sincero —, vai ser na próxima semana. Depois mando-te os pormenores, a cor da noiva vai ser verde-água...

Lala fitou a amiga de sobranceiras erguidas.

— Sim, vão dizer, e sim — disse Oriana revirando os olhos —, vão estar errados... Esta Claire é aparentemente a sacerdotisa do curso de Filosofia...

— Chama-se Claire?

A amiga levantou-se, brincando com a chávena nas mãos.

— Claire Von Tar — contou como se declamasse um boletim oficial —, vinte e quatro anos, também. Natural de Itonda. Do signo da Tecedeira de Águas. Numerologia base nove, três, um. Finalista de Filosofia na Academia Superior de Letras, em Acrux. Família operária. Não pertencente a nenhuma Assembleia. Asmática.

— Se for boa pessoa e gostar do Isaac, nada disso importa.
Héloïse riu-se como se Lala tivesse dito algo com graça.

Allegra segurou o vestido contra o corpo. Lala levou o talher à boca.

— É verde.

Allegra bateu com o pé num gesto infantil.

— Verde-seco, não verde-água.

— É verde — repetiu Lala —, verde vai ser a cor da noiva.

Allegra atirou o vestido para o sofá. Ninguém adivinharia, mas a matemática pragmática tinha tiques de prima-dona. Herança dos pais artistas, de certeza.

— Não tenho mais nada.

— A mochila está cheia.

O casamento era no domingo. O plano de Chantal Ju Kin correra como previsto. Uma cerimónia com todos os filhos e netos da nata de Toliman, para calar rumores e possíveis ressentimentos por expectativas frustradas.

— O Joriz não foi convidado.

— Pois não — concordou Lala, sem querer atirar achas para a fogueira.

— Porque não?

— Porque não importa — apressou-se a corrigir —, neste contexto, aqui, para... Esta cerimónia vai ser uma manobra defensiva. Houve um pacto. Como houve com os meus pais. E a outra parte vai tomar ofensa. Não pode fazer nada abertamente, porque os pactos são proibidos, mas pode causar problemas, portanto torna-se este casamento uma exibição de apoio à Casa de Gustav com a comparência de...

— Achas mesmo que houve um pacto? — Allegra enrugou a testa. — Como é que isso ainda acontece? Com quem achas que foi?

— O que eu estava a dizer — prosseguiu, guardando os palpites para si — é que o Joriz não foi convidado porque a família não é... Não é importante. Neste contexto.

— Achas que é purismo de classe e não purismo de sangue?

— Metade daquele casamento vai ter ascendência clonada — disse

Lala enrolando o resto da massa no garfo. — E o Joriz não quer saber. Estes jogos, estes... — suspirou. — O Joriz não se importa.

— O Joriz parece sempre que não se importa — replicou Allegra. — Não é verdade. Ele sente estes insultos. Só que esconde isso com aquele sorriso parvo.

Lala optou por permanecer em silêncio.

— Não devia ir.

— A Oriana levaria a mal... Os teus pais são quem são — disse Lala, e acrescentou, não resistindo: — E quem és tu para sentires os insultos do Joriz? Acaso te é alguma coisa?

— É meu amigo — disse Allegra corando.

Terminaram o jantar em silêncio. Um tango de Naledi passava no rádio. Allegra voltou a pegar na mochila e tirou umas calças de senhora com uma cor de cobre brilhante, com cintura alta e toque sedoso.

— Vestias com quê?

Allegra tirou uma camisa branca a que se dava um laço no pescoço.

— Fica bem — aprovou Lala. — Eu empresto-te uns brincos de pérola que tenho, vão ficar bem com o conjunto.

O Templo ficava no topo de uma montanha artificial, no centro de Toliman. Tão branco que fazia doer o olhar. Dali, viam-se os limites da cidade em qualquer direção. Ocupava quarenta hectares e era preciso subir mais de quatrocentos degraus, com as pessoas imobilizadas a terem de ser empurradas pelas rampas que ladeavam as escadas ou transportadas pelo elevador na entrada norte.

A construção, com quatro entradas, albergava as obrigatórias câmaras religiosas e salas de oração, cursos de água e celas subterrâneas para meditação. Continha também as habitações dos sacerdotes internos. Naquele domingo, Lala dirigiu-se diretamente para a capela de cerimónias na ala oeste. Os noivos recebiam os convidados à entrada. Isaac fazia jus à beleza que herdara da mãe. As vestes creme bordadas a ouro acentuavam o castanho rico da sua tez. A sobrecasaca tradicional de Toliman realçava-lhe a figura alta e esguia. Um sorriso afável iluminava-lhe as feições longas. Claire acompanhava-o na alegria e distinção, envergando um vestido com corte de Itonda, demarcado por debaixo do peito com uma faixa incrustada de joias. As mãos dela, escuras e macias, seguraram as mãos claras e ásperas de Lala, ao saudá-la.

— Bem-vinda, caríssima — carregava nos «r», à maneira de Itonda.

A capela era um semicírculo, com os bancos curvos a rodearem o altar retangular, que um sacerdote de tamanho minúsculo se ocupava a preparar. Allegra, que a chamava com um braço no ar, estava sentada ao lado dos gémeos. Jié estava mais belo do que nunca. A proximidade da idade adulta conferira maturidade às feições etéreas e Lala sabia que metade das mulheres ali já estaria apaixonada por ele. Paixões impossíveis. Bó Hãï perdera gordura e ganhara músculo, estando cada vez mais intimidante. O casaco formal não conseguia ocultar o aumento de massa muscular. Cortara o cabelo à escovinha em contraste com os cabelos longos e lisos do irmão. A cara tinha ganho uma expressão dura e estoica, que mascarava melhor as emoções.

Lala cumprimentava-os quando o sacerdote fez soar o gongo. Os convidados ergueram-se com o fechar das portas para ver os noivos caminharem até ao altar, onde se ajoelharam de lados opostos.

— Irmãs —bramiu o sacerdote com uma força surpreendente —, irmãs. Estamos neste dia reunidos, pela graça do Altíssimo, para celebrar a união de Isaac Hez Voih e Claire Von Tar, fiéis que pedem a bênção...

Lala tentou concentrar-se na prédica familiar, ajoelhando-se com atraso quando começou a declamação dos atributos do Altíssimo.

— ... Lembremo-nos de como tudo começou — proclamou o sacerdote. — No princípio, o Eterno, o Omnisciente, o Omnipresente, o Onnipotente...

Tinha tanto para fazer. Mas não podia pensar nisso. Não ali. Naquele momento.

— ... Que usa como instrumentos divinos os Quatro Nobres Espíritos, sendo eles a Tecedeira das Águas, o Alumiado, o Menino Velho e a Ceifeira...

A chama do altar respondia aos gestos do sacerdote. Como se em reconhecimento. O fogo ardia num recetáculo de ferro, juntamente com sândalo, incenso, pau-santo.

— E, perante o Altíssimo e todos os espíritos, com os vivos e os mortos como testemunhas — o sacerdote molhou o polegar numa tacinha com óleo e cinzas, desenhando um ideograma na testa da noiva —, Claire, aceitas Isaac de livre vontade, e somente tua vontade, renunciando a todos os outros, sempre fiel, sempre constante, sempre verdadeira, até à morte?

Claire acenou, dizendo «sim» com uma voz sumida.

— E tu, Isaac— disse o sacerdote virando-se para Isaac e repetindo o

gesto com o polegar molhado —, aceitas Claire de livre vontade, e somente tua vontade, renunciando a todas as outras, sempre fiel, sempre constante, sempre verdadeiro, até à morte?

O «sim» firme de Isaac ressoou na capela.

O sacerdote pegou no cálice com vinho e, à vez, deu-o a beber aos noivos. Com o cálice vazio, cobriu a chama que tinha ardido durante a cerimónia.

— Que nada separe o que se juntou perante o Altíssimo.

A campainha tocou à uma da manhã.

Joriz estava a rever a palestra de Cálculo Vetorial. O quarto ficava no primeiro andar. A hora oficial de fecho da Residência Masculina de Estudantes AA-B de Toliman era às dez da noite, mas Joriz apressou-se a ir abrir a porta e deixar o colega de casa entrar antes que o gerente viesse ver o que se passava.

Para sua surpresa, era Allegra. Tão elegante que mal a reconheceu, segurava um saquinho na mão esquerda e uma bolsa na mão direita, cambaleando pelas escadas.

— Joriz...

Allegra tentou dar um passo na direção dele e tropeçou nos próprios pés. Joriz apanhou-a antes de se estatelar no chão.

— Desculpa...

Joriz conduziu-a para o quarto rapidamente.

Era uma divisão de dimensões consideráveis. Joriz suportava a inconveniência de estar ao lado da porta pelo espaço. Acomodava lá uma cama de solteiro, um roupeiro, um mini-frigorífico, uma cadeira e secretária, além de uma poltrona. Ajudou Allegra a sentar-se nela, pousando a bolsa e o saquinho na secretária. Depois trouxe-lhe um copo de água, que ela, agradecida, encostou ao rosto afogueado.

— Não devias estar no casamento?

— O casamento já acabou — replicou ela muito alto, com a voz esganiçada.

— Chiu... — fez Joriz, com medo de que acordassem alguém.

— O casamento já acabou — disse Allegra baixinho.

— Pois... Não devias estar em casa? Os teus pais vão ficar preocupados.

— Tinha de te dizer uma coisa — disse ela continuando a falar muito baixo.

Joriz aguardou.

— Allegra?

— Hum?

Joriz suspirou.

— Como foi o casamento?

Allegra sorriu-lhe beatificamente e lançou-se numa recitação convoluta dos doze pratos tradicionais das bodas em Toliman.

— Allegra, Allegra — disse Joriz tentando acalmá-la —, eu sei quais são os pratos...

— ... E o vinho... branco, verde, tinto, vodca, aguardente de Xihe...

— Bebeste aguardente de Xihe? — perguntou Joriz, incrédulo.

— Foi muito bom — disse Allegra sorrindo —, exceto tu não vires. Isso foi muito mau.

— Oh...

— Foi... — gotas caíram do copo de água — eles fazem sempre isto e não está certo. És um cidadão. Pertences à Assembleia. Tens tanto direito a estar lá como eu...

— Não se tem direito a estar onde não se foi convidado.

— Bah!

Joriz segurou-lhe o braço do copo com delicadeza.

— Bebe um pouco de água.

Allegra bebeu desajeitadamente.

— Sentes-te bem?

— Dói-me a barriga...

Joriz foi em pontas dos pés até à cozinha, regressando com um alguidar. Pousou-o gentilmente nos joelhos dela. Allegra abraçou o alguidar com ar perdido.

— Como é que saíste da festa nesse estado? — perguntou Joriz começando a ficar zangado. — Onde estavam os outros? A Lala não te impediu? Ninguém cuidou de ti?

— Saí às escondidas — disse Allegra. — Precisava de falar contigo.

— Como chegaste cá?

— Moto-táxi.

Joriz passou a mão pela cara.

— Joriz... Tenho de te contar uma coisa.

— Conta — disse Joriz pacientemente —, estou a ouvir.

— Não quero tentar mais.

Joriz teve de pensar uns instantes antes de perceber ao que ela se referia.

— Tentei três vezes — disse, mostrando-lhe o número com os dedos — gostar de alguém... Nunca acontece... Nada acontece. Fico infeliz e nunca... Três é destino.

— Se achas que é o melhor, fazes bem — disse Joriz a medo. — Conhecerás alguém eventualmente. Estas coisas não se forçam e ninguém te quer ver infeliz.

— Como tu? — ecoou ela com o olhar perdido. — Como tu conheces-te? Sou só eu infeliz?

A pergunta atingiu-o de um modo que ele não julgava possível. Não confiando em si, Joriz arrastou a cadeira da secretária até à poltrona.

— Não conheci ninguém — respondeu, deixando-se cair sentado — de que gostasse dessa maneira. E como assim estás infeliz? Devias ter dito. Não podes ser infeliz sem mim.

Allegra fitou-o em silêncio, como se tivesse ficado ela sem palavras. Joriz não desviou o olhar, estudando o rosto triangular dela, enganadoramente orgulhoso, com as suas maçãs de rosto altas e nariz aquilino. Parecia uma daquelas grandes damas temíveis da Era da Fundação. Exceto nos olhos verdes, demasiado verdes.

E nos lábios finos, demasiado rosados.

— Trouxe-te uma fatia do bolo — anunciou ela aleatoriamente — no saquinho.

— Obrigado — agradeceu, sem conseguir controlar a voz.

— Estava tão infeliz lá — disse Allegra passando-lhe o copo vazio —, eles podem ser tão... Mes... Mesqui...

— Mesquinhos?

— Isso — disse Allegra, triunfante. — E a Lala diz que não posso ficar zangada... Diz que não te sou nada.

— Ela está enganada.

— Eu sei — disse Allegra com um sorriso triste.

«Ela bebeu demais para esta conversa», pensou.

— Allegra...

Allegra vomitou. Tudo. Joriz via as trufas semi-digeridas do jantar. Joriz aguardou que ela vertesse o conteúdo do estômago. Quando teve a certeza de que tinha terminado, retirou-lhe o alguidar com delicadeza e foi lavá-lo à casa de banho.

Quando voltou, Joriz ajudou uma Allegra sonolenta a ir para a cama, deitando-a de lado, colocando a almofada e puxando a coberta. Acertou o despertador para as seis horas, para mandá-la para casa antes de a

Residência acordar. Se soubessem que Allegra tinha passado a noite ali, nunca mais se calariam.

Era proibido a mulheres pernovernarem nas Residências Masculinas.

Joriz sentou-se na poltrona, com uma manta sobre as pernas e dormiu umas horas. Às seis e um quarto, à espera da transportadora na rua, Allegra perguntou-lhe a medo o que tinha dito de madrugada.

Joriz disse que tinha falado da ementa.

Ainda não era meia-noite quando Lala chegou à marina.

Tinha sido relativamente fácil extrair-se da festa. Era extraordinário o quão fácil era mentir selecionando a verdade. «Tenho de ir.» «É por causa do estágio.» «O estágio. Não te tinha contado?» «Sim, já devia ter ido, mas...» Ajudara Joriz estar ausente e Allegra estar junto ao bar, com Ivan, Héloïse e Noboru, numa espécie de desafio estapafúrdio que metia aguardente de Xihe à mistura. O resto estava como eles, quase bêbedo, para lá do enfartado, ensurdecido pela música e brindes e danças.

A culpa era de Laurent, como costumava ser nestas coisas. Na sexta-feira, Lala chegara ao seu apartamento, após mais um jantar infernal. Na casa do avô. Não, na casa da tia Cyrene. O avô Naxos morrera. E o testamento, no final de todas as contas e divisões, mergulhara a família numa guerra civil. Todos os irmãos com oportunidade de agarrar a liderança, mas nenhum com poder para a arrebatá-la. Havia a possibilidade real de se começarem a matar. Não seria a primeira vez, Lala conhecia as lendas familiares.

Fora então após mais um jantar, com Xanthos particularmente mesquinho e Dion a discursar sobre política, de todas as coisas, fora após essa noite que Lala abrisse a porta de casa e vira as luzes acesas.

Nem pôde reagir. Puxaram-na e taparam-lhe a boca, atirando-a contra a porta. Lala trincou a palma, empurrando o peito e os ombros com os punhos. A mão fechou-se mais sobre a boca e uma voz baixa praguejou:

— Porra, Lala.

Soltaram-na. Laurent sacudia a mão mordida, forçando um sorriso. Alto, magro, permanentemente bronzeado, rabo de cavalo descaído. Lala reviu as feições do homem que a testara em Tsih. Lábios gretados, sorriso enviesado, maçãs de rosto altas, olhos castanhos matreiros.

— Tens dentes afiados.

— Estás na minha casa.

— Precisas de uma fechadura melhor.

Lala trancou a porta antes de ir pousar a mala ao pé do *Análise Matemática de Dados em Ciência Aplicada* aberto na secretária. Ao virar-se para Laurent, já refastelado no sofá, apontou para as botas com ar crítico.

— Há um móvel para sapatos na entrada.

Laurent descalçou as botas, com uma expressão de escárnio. Lala suspirou e foi trocá-las por um par de chinelos. Laurent ergueu os pés. Lala atirou-lhe os chinelos à cara.

— Tive saudades, Elena, os testes este ano foram uma decepção.

Lala estremeceu com a implicação.

— Que queres, Laurent? — perguntou, afundando-se na cadeira.

— Que aconteceu a «excelentíssimo» e «sereníssimo»? Eras tão educada...

— Laurent...

Laurent esticou-se de lado no sofá, em pose, como se fosse um modelo numa sessão fotográfica. As calças de couro justas eram positivamente indecentes.

— Vamos trazer uma pessoa.

Uma pausa para poder pensar.

— Algum clonado foi mandado de volta?

— Não.

As peças encaixaram.

— Vamos trazer alguém da Velha Terra.

Laurent acenou afirmativamente.

— Porquê?

— Nada que te preocupe, não estás suficientemente alto para saber.

— Então encontra outra pessoa.

Laurent riu-se abertamente.

— Estás cada vez mais desobediente — elogiou. — É influência do Marcel?

Lala não mordeu o isco.

— Aliança.

— Uma aliança? Nós temos uma aliança. Clonados por tecnologia.

— Uma aliança para as comunidades da Velha Terra se tornarem públicas.

Lala abanou a cabeça, regressando à noite onde estava, na coberta de um barco. Uma prenda de aniversário do avô Naxos. Modelo X990 da marca MBV, com motor de hidrogénio, *Bem-Amada* escrito com requintes caligráficos no casco reforçado. Trocava seda brocada por um fato de treino,

sabrinhas por uns ténis coçados. Voltou a prender o cabelo com ajuda do boné vermelho e colocou um colete salva-vidas.

Cada vez com maior frequência, pensou subindo de volta ao convés, pegando nas cordas que a prendiam ao cais. Cada vez com maior frequência lhe acontecia cair em memórias como quem desliza por círculos. Pensar em Laurent fizera-a pensar em Marcel. Não em cadeia, mas em simultâneo. Ainda agora, ali, ligando o motor, trazendo a lancha à vida, Lala via-se ali e via-se há duas noites diante de Laurent, via-se há anos perante Marcel a explicar que tudo o que lhe tinham ensinado era mentira.

A pedra basal da Fundação era que estavam sós.

Lala aprendera-o como aprendiam todas as crianças do Estado. Era uma verdade universal. O Estado era o último reduto da humanidade. O resto da terra estava desabitada excetuando as Estações de Exploração de Recursos Externos espalhadas pelo mundo. Tudo o resto estava desoladamente vazio. Não só a Velha Terra. O Universo inteiro.

Estavam sós.

Essa fora a primeira verdade a ser despedaçada.

Recusara-se a acreditar. Era como dizerem que os mortos se tinham erguido das cinzas e saído do oceano. Toda a gente sabia que estavam sós. Toda a gente. Como é que Marcel não podia saber uma coisa dessas?

Estavam no apartamento por cima da loja. Era pequeno, um quarto minúsculo, uma sala de estar com cozinha aberta, uma casa de banho encafuada. Lala sentava-se no sofá verde, Marcel na poltrona de couro. A mesinha da sala aguentava-se sob o peso de um gramofone gigantesco e as paredes eram preenchidas por prateleiras sobre prateleiras de livros. Era a primeira conversa a sério que tinham sobre a Organização. Lala tinha feito dezasseis anos há sete dias.

— Não acredito.

Marcel fumava o cachimbo, pensativo. Lala pousou a chávena no pires sem beber. O álbum no seu colo mostrava fotografias de clonados. Reconhecia-os pelas tatuagens. Também mostrava gente que não devia existir, não-clonados fora do Estado. Exibiam-se todos junto de ferramentas agrícolas antiquadas ou de estações de filtração rudimentares ou de barcos arcaicos. As roupas variavam. O cenário também.

— Ouvi dizer que o teu tio, Jean-Pierre, é um dos historiadores que defende a Teoria da Fuga — referiu Marcel. — Sabes o que diz?

— Diz que a Travessia foi planeada — respondeu lentamente —, o território foi preparado antes do desembarque. Foi premeditado. Só um

segmento da população da Velha Terra foi transportado para o Estado, os outros foram abandonados à sua sorte.

— Não é uma teoria popular.

— Não — aquiesceu Lala estremecendo, recordando os insultos ao tio nas raras palestras públicas sobre o assunto —, não é.

— Concordas?

Lala precisou de pensar.

Nunca ninguém lhe perguntara.

— Acho que faz sentido — declarou, sem plena confiança na sua opinião —, as pessoas preferem que tenha sido... uma... uma união que transcendeu todas as diferenças... É mais bonito do que... do que...

— Traição? Assassínio?

Lala arrepiou-se com a acusação direta aos Fundadores.

— Porque não queres acreditar — as palavras de Marcel ecoavam na sua mente como se as escutasse naquele momento — que eles também sobreviveram?

E anos voltaram a ser dois dias e era agora Laurent, na casa dela, no sofá dela, dizendo-lhe com cara de gáudio:

— ... Porquê? Porquê? Porquê? — pontuava a pergunta como se a própria fosse pontuação. — Liga o rádio, sereníssima, os resultados das municipais já saíram. Eu sei, nada disto te afeta, sei de quem és filha, sei quem é a tua tia, mas a Organização não pode ignorar a política, somos política e há uma nova realidade política chamada Rudolph Árheimar com trinta por cento dos votos em Ginan...

— É a porra de Ginan, não passa de um agitador de tabernas a vegetar no Parlamento há vinte anos. Agora somos pressionados por Árheimar?

— O agitador saiu das tabernas, sereníssima... «É a porra de Ginan»... É a porra do Norte. Do Sul e do Centro, também. Elegeu aqui, Lala, na tua amada Toliman...

E Lala via-se no presente. Às vezes, o tempo era um círculo, ou círculos sobre círculos, círculos em círculos. Lala acelerava a fundo, fazendo o barco voar pelo oceano noturno, puxando ao máximo pelo motor. Imaginou-se na escuridão. Prostrada em adoração numa das celas subterrâneas do Templo. Guardava uma chama nas mãos e sentia o toque de água nas palmas. No fogo que não queimava, que beijava como água, via o rosto dele.

Bheithir.

Quando chegou à Estação de Observação de Vida Marítima IX, o relógio assinalava a uma. Era ali, naquela estação parcialmente abandonada,

que Lala fazia o seu projeto de estágio no Laboratório de Investigação de Biologia Vegetal Aquática. À vista de todos. Costumava acenar à patrulha marítima quando passava. Viam um barco ancorado, ela debruçada a puxar filtros atados a boias com um gancho muito comprido. Substituíam os filtros e voltava a encaixá-los no suporte e a mergulhar as boias. Armazenava as amostras devidamente rotuladas numa arca refrigerada portátil, que transportaria para o Laboratório de Investigação de Biologia Vegetal Aquática, completando aí o processo de catalogação e registo de dados.

Era conhecida e reconhecível, se bem que fizesse uma figura um pouco tonta com o colete salva-vidas e o inexplicável boné vermelho. E, sendo conhecida e reconhecível, um pouco tonta para quem a via, era igualmente ignorada.

Lala desceu até à coberta e, retirando a mala de viagem de baixo do beliche, abriu-a para revelar o radar móvel acoplado com radioreceptor. Era um modelo idêntico ao das Forças de Segurança. Lala encostou o auricular ao ouvido e procedeu à verificação do perímetro, como Jules lhe ensinara. Uma vez tendo certeza de que não ia ser surpreendida, voltou a fechar a mala e a prendê-la no lugar. Pegou na lanterna e subiu ao convés, apontando-a na direção da Estação de Observação e anunciou-se com o código pré-combinado.

Um vulto surgiu, envergando galochas e um corta-vento, contornando o antigo centro de comando. Lala aproximou-se e pôde ver que o enviado da Velha Terra era uma mulher baixa, de pele enrugada e cabelos grisalhos, que se movia com notável agilidade. Ela ergueu a mão num gesto de saudação a que Lala respondeu sem pensar, por instinto.

E pelos círculos do tempo ouviu novamente:

«Porque não queres acreditar que eles também sobreviveram?»